SORRISO DE FÉ E DE ESPERANÇA: ETERNO SORRISO DE PORTUGAL!

Obra das Mãis pela Educação Nacional

JUNHO 1940

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

N.º 14

ASSINATURA AO ANO 12$00 — BOLETIM MENSAL — PREÇO AVULSO 1$00

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134 — Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

PORTUGAL celebra êste ano duas datas históricas que são o seu orgulho: Há oito séculos que Portugal nasceu e três séculos que Portugal ressuscitou.

Mas essas duas comemorações, que representam o nosso passado glorioso e imortal, devem fundir-se na exaltação patriótica do momento presente.

Tristes festas seriam as nossas festas jubilares se na hora em que as realisamos não vivessemos a esperança de que 1940 marcará também na nossa História, dando continuidade ao passado numa vida rejuvenescida.

As nações, como a terra, têm as suas estações; 1940 é a plena primavera duma época nova que há-de merecer que, no futuro, outra data gloriosa seja acrescentada às duas que agora festejamos.

Portugal foi grande no passado porque teve grandes valores morais.

São os homens que levantam as nações ou as deixam cair...

A nossa Pátria tem hoje a dirigir os seus destinos

dois homens em quem revivem tôdas as virtudes tradicionais portuguesas, sem que lhes falte também a inspiração e a graça necessárias para conceber e realizar grandes coisas novas!

O Chefe do Estado, senhor General Carmona, é uma figura prestigiosa que todos os portugueses admiram e amam carinhosamente pela forma admirável como tem sabido cumprir a sua missão.

O Presidente do Conselho, senhor Dr. Oliveira Salazar, é aquele em quem todos nós confiamos, e uma confiança, assim firme e abandonada, é o sentimento mais honroso que um homem pode merecer.

A Mocidade Portuguesa Feminina, neste número comemorativo do Duplo Centenário, presta a sua respeitosa homenagem aos dois Chefes, em quem vê sintetisadas as qualidades daqueles que passaram — sem morrer — pois vivem na glória da nossa História e na gratidão do nosso coração.

E evocando estes 8 séculos, onde são tantos os bons servidores da Pátria, aponta às suas filiadas como exemplo vivo de bem servir a Nação: **Carmona e Salazar.**

Meu Portugal
vèlhinho — tão vèlhinho —
e tão novo — sempre tão moço,
a-pesar-dos teus oito séculos de História
quási sagrada; meu Portugal coberto de glórias, como foi que chegaste aqui, depois da jornada triunfal e longa, que agora festejamos, como foi que estás assim, ainda hoje como ontem, como sempre, tão moço de alma?... Dize-me, como foi?

Ouve: corri na verdade as estradas do mundo; rasguei ao mundo novas estradas e novos rumos; «quilha da Europa», sempre lhe apontei os longes da Grandeza e do Heroísmo, e, varanda aberta ao Mistério, aqui, «onde a terra se acaba e o mar começa», fui escola e fui oficina de empreendimentos lindos. Muito me deve o Mundo...

Corre a Terra, e por tôda ela encontrarás «madre língua portuguesa» a servir, a cantar, e a rezar...

É sagrada, é sagrada esta «tira de Terra», fim e comêço do Mundo... Está regada de sangue generoso, como nenhum outro já houve... e cobre-a lá do Alto, a bênção divina de Deus Nosso Senhor.

Como foi?... como foi?... preguntas...

A bem dizer a verdade, nem eu o sei contar, nem explicar... Lembro que as maiores e melhores horas as vivi quando fui Fiel a mim mesmo — à minha vocação providencial:

tratei com gentes vàrias e fiz-me ao largo na terra, no mar e no ar — e sempre comigo, e à minha frente, a Voz alta e imperiosa de um Destino que eu sabia e sei que foi Deus que mo marcou;

afilhado de Nossa Senhora, que me batisou lá em cima, em Guimarãis, sentia que me andava nas veias um sangue sempre remoçado, e na alma uma intenção pura, alegre e santa: **FAZER CRISTANDADE.**

Sempre que fui fiel e sempre que cumpri — nunca o Céu me faltou, nem conheci a derrota ou a deshonra...

Mas pequei também: horas de traição e de vergonhas e de infidelidades... Faltei e pequei: horas de impurezas e de interesses vis e de tolas vaidades; corrupções... mentiras... e mais e mais... Quando me perdia a mim mesmo, ou me perdia, por culpa própria, do Rumo assinalado, logo perdia assentos na terra e a consideração da História.

Ouve então esta fala e esta lição: oitocentos anos de idade é uma linda idade para quem chega em mocidade a êste cabo da longa caminhada; mas a virtude dêste mistério hás-de procurá-la na graça que dorme nos meus Castelos e nas minhas Catedrais...

Faze a viagem da História: sôbre os lagedos sagrados, de joelhos ou erguido do alto das muralhas heroicas, acorda os Mortos, escuta-os, aos herois e aos santos; mete-te na sua escola e guarda a sua fala, e vem depois comigo para mais séculos de Vitória;

Segue com eles o Roteiro da Pátria que eles mesmos fizeram, ajudando a Deus que foi sempre connosco o Primeiro.

Cobre com essa Voz o sussurro impertinente dos mediocres e dessa sorte de traidores que enxameiam a Pátria de agora — e jura que não faltarás onde fôr preciso lutar, vencer ou morrer.

...Como foi? SERVI A DEUS por todos os lugares, e em tôdas as gentes da Conquista e da Descoberta. FUI CAVALEIRO DO CÉU. Ouve o mundo a rezar o meu nome... a Ladainha Santa do Nome Santo de Portugal...

PORTUGAL! PORTUGAL! PORTUGAL!

G. A.

SOB A MÃO DE DEUS

Imagem de Nossa Senhora da Conceição que foi trazida para Vila Viçosa pelo próprio Dom Nuno Álvares Pereira e que mais tarde D. João IV declarou e fez jurar, por decreto de 24 e carta régida de 25 de Março de 1646, PADROEIRA DO REINO.

A PADROEIRA DE PORTUGAL

«Quem é esta que avança como a aurora que desponta? Bela como a lua e pura como o sol»?

Quem é ela, esta visão radiosa, que nos aparece a abençoar o alvorecer da nacionalidade portuguesa?

É a «Mãi de puro amor e da Santa esperança», aquela sob a protecção de quem D. Afonso Henriques colocou Portugal desde a primeira hora: «*ordeno que eu, meu reino, minha gente, meus sucessores fiquemos debaixo da tutela, protecção, defesa e amparo da bemaventurada Virgem Maria*».

Quem é esta «mulher revestida de sol, com a lua debaixo dos pés e tendo sôbre a cabeça uma coroa de dôze estrêlas»?

É a Imaculada Conceição, aquela que nas horas incertas de 1640 D. João IV proclamou Padroeira do Reino, «*de quem por honra nossa nos confessamos vassalos e tributários, esperando que ela nos ampare e defenda dos nossos inimigos*».

Quem é esta que nos nossos dias desceu a Portugal «como o arco iris resplandecente no meio das nuvens, como a flor da roseira nos dias de primavera, como o lírio perto da água corrente»?

É Nossa Senhora de Fátima; aquela a quem todos nós, como o fizeram D. Afonso Henriques e D. João IV, escolhemos por especial advogada, por nossa Mãi e Senhora!

Deus está com ela; ela é inabalável. E aqueles que nela confiam, estão também protegidos pelo Senhor.

Confiemos na nossa celeste Padroeira. Nossa Senhora é bela e graciosa como uma pomba de paz... Mas, nas horas de perigo, é terrivel como um exército em batalha: ela nos defenderá.

Foi a Virgem Santissima que, de vitória em vitória, ajudou D. Afonso Henriques na conquista de Portugal; foi ela que, de vitória em vitória, nas lutas da restauração assegurou a nossa independência; e será ainda ela que salvará Portugal e o conservará grande aos olhos de Deus e do mundo!

Coccinelle

A Fundação de Portugal

FAZ oito séculos que foi aclamado o primeiro Rei de Portugal. O Condado Portucalense, apertado entre os estreitos lindes do Minho e do Mondego, não cabia em tão exiguo espaço. Afonso Henriques e os seus barões, com três retalhos, cortados um à Galiza, outro a Leão, e outro à Espanha meridional, sarracena, cerziram os contornos dêste quadrilátero sagrado, que é a Pátria. E a Pátria portuguesa soube criar tão poderosa individualidade que se impôs na Peninsula como iniciadora de epopeias. Em vez do arrebatamento espanhol, do seu amor sem meiguice, da sua caridade sêca e hirta, como o planalto de Castela, o povo português abriu no seu peito um coração onde palpita o sentimento. E, aquilatando a nobreza da sua alma pelo gôsto da aventura, iniciou a poesia épica moderna, alargando a civilização europeia para fóra do Mediterrâneo, onde até então se concentrava. E as quilhas de Portugal abriram no Atlantico as grandes estradas do mundo...

. . .

As estradas do Atlantico, Portugal abriu-as para si e para os outros. Sulcaram-nas soldados, capitãis, comerciantes, administradores, missionários. O mundo longinquo patenteou à Europa atónita os segredos da sua vida histórica, e trouxe-lhe as suas riquezas. Mas, em troca, recebeu tesoiro maior conheceu a Cristo.

Vem-nos do berço esta vocação altissima. As quatro onças de oiro, pagas pelo primeiro Rei de Portugal à Santa Sé solidificaram a independência nacional. Quem se atreveria, naquele século XII, a guerrear um pais que se declarava tributário de Cristo? Acto diplomático, a diplomacia ficou sendo uma das grandes fôrças da nação. Entre ambições contraditórias de estranhos, sabemos garantir hàbilmente o equilibrio vital da Independência.

Mas o oiro ofertado a Cristo pelo Rei Mago do Ocidente, foi também uma predestinação ou um penhor. Cristo crucificado de costas para Jerusalém olhava de face para o Ocidente, isto é para nós, como a contar conosco. Portugal ao declarar-se por Cristo, retomou a Cruz de Cristo, e plantou-a, gloriosa através dos mares, em tôdas as regiões da terra, desde o Ocidente ao Oriente. A Cruz de Ourique poderia ser uma promessa, poderia ter sido uma lenda ou simbolo. A Cruz de Cristo, levada aos confins do Globo por Portugal, é a realidade da civilização moderna, oriunda do velho mundo greco-latino.

. . .

Afonso Henriques, nascido em Guimarãis, era descencendente de um Rei de França. A êste sangue latino, juntaram-se outras duas origens: a do território, parcela do antigo Império Romano, e a lingua suavissima que fala o nosso povo.

Na qual quando imagina
Com pouca corrupção crê que é a latina.

Por êste elo triplice, fazemos parte do grande tronco da Latinidade, católica e fecunda. Herdeiros da Mater Gentium antiga, fomos por nossa vez, criadores de novas gentes. E se o Reino de Afonso Henriques não poude ser mais volumoso no seu núcleo peninsular, tornou-se a cabeça de um dos maiores impérios da terra. Desde a América juvenil às nascentes do Sol, através da África e da Índia maravilhosa, Portugal resplandeceu para a perenidade da história e dos tempos.

. . .

Todos os elementos da vida portuguesa se conglutinaram e fortaleceram para formar a consciência colectiva da nação. Todos participam dela. Mas a Mocidade, esperança renovadora da vida, sente-a mais fundamente. Quere guardar intacto o depósito da tradição, oito vezes secular. Com êste orgulho no coração, aspira à vida plena, de trabalho, de sacrificio, de beleza e de confiança. E mais que tudo de amor. Amor, entranhado e firme — por Portugal!

SERAFIM LEITE

POUCOS exemplos há na História, tam convincentes da superioridade das fôrças do Espírito, como o da Revolução do 1.º de Dezembro de 1640.

Mais, muito mais do que as ruínas materiais acumuladas em sessenta anos de má administração estrangeira, foram os factores morais que influiram decisivamente no movimento libertador cujo terceiro centenário Portugal vai comemorar festivamente.

O descalabro financeiro, a decadência económica, a perda da Marinha, a invasão das colónias, e tantos outros aspectos lamentáveis de que se revestiu entre nós a dominação castelhana, poucos foram ao pé do desejo ardente de independência de todos os bons portugueses.

A perda da autonomia, a aspiração sempre viva de retomar o caminho da sua grandeza passada, a saüdade inapagável de Rei natural — foram as alavancas decisivas que puzeram em marcha a conspiração de 1640.

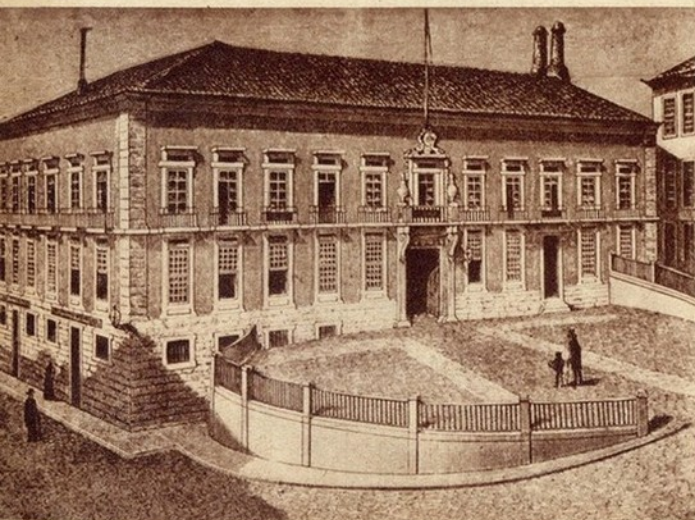
Mas, por mais sinceras e crepitantes que sejam, as fôrças espirituais, como os elementos materiais, carecem de ser ordenadas e disciplinadas. O entusiasmo pode não o conduzir a nada se o não puzermos ao serviço da inteligência e da razão.

Por isso, — porque não existia um Chefe que coordenasse, num único feixe, as aspirações patrióticas dos nossos avós do Século XVII, é que, durante muito tempo, tôdas as tentativas para nos libertarmos da tutela estranha foram inúteis e vãs.

Êsse Chefe apareceu na pessoa do Duque de Bragança, que, como os conjurados que o queriam aclamar Rei, possuia a fé e o fervor nacionalista indispensáveis à empreza a que se abalançavam — mas, mais do que os seus partidários, era um espírito calmo, prudente, capaz de se dominar nos momentos oportunos.

Tudo os castelhanos fizeram para o envolver na rêde de suspeitas que continuamente lhe lançavam. Com habilidade prodigiosa e extraordinário sangue-frio, o Duque de Bragança libertou-se de tôdas essas armadilhas.

Por vezes, os conjurados desanimavam um pouco, supondo que D. João se desinteressava do futuro da Pátria e apenas desejava viver tranqüilamente no seu Palácio de Vila Viçosa. Viu-se, depois, que se enganavam redondamente os que assim precipitadamente pensavam.

D. JOÃO IV

O que o Duque não queria é que se desse um passo em falso, donde resultasse a sua prisão, o seu exílio ou a sua morte, pois sabia que era êle a última esperança de libertação dos portugueses.

Quando tudo se conjugou dentro e fora do país, para que soasse a hora da revolta, D. João não hesitou e, até perante as irresoluções e perplexidades de muitos dos conspiradores, deu o sinal do levantamento. É que tinha chegado o instante em que a inteligência se devia aliar com o entusiasmo para vibrar o grande golpe. E D. João é que tinha razão, porque a Revolução fez-se quási sem sangue — e as qualidades excepcionais de prudência, calma e moderação de que havia dado provas no tempo dos Filipes, foram depois, nos dezasseis anos do seu reinado, a melhor garantia de que a Revolução do 1.º de Dezembro não fôra um acto heróico, mas inútil.

Nesta hora alta de Nacionalismo, que estamos atravessando, é de tôda a justiça lembrar os nomes dos conjurados de 1640, — mas que se não esqueça nunca a memória de quem tornou possível o movimento do 1.º de Dezembro e de quem o soube, depois, consolidar, — a memória de El-Rei D. João IV, um dos maiores soberanos da nossa História.

RODRIGUES CAVALHEIRO

Dirk Stoop. — O TERREIRO DO PAÇO

M. P. F. E AS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

O içar da bandeira de D. Afonso Henriques, em 4 de Junho, na Tôrre de menagem do Castelo de Guimarãis, marcou o inicio das festas do duplo centenário.

Portugal inteiro acompanhou o gesto do senhor Presidente da República; em todos os castelos, e em inúmeras casas particulares, foi desfraldada, à mesma hora, a bandeira branca com a cruz azul, que simbolisa o nascimento da nossa nacionalidade cristã.

Portugal nasceu à sombra da cruz e à sombra da cruz cresceu e foi grande

Ao comemorar oito séculos de História, Portugal ergue de novo a cruz — bem alto! — como símbolo de vitória do seu passado e simbolo de esperança do futuro.

A M. P. F., que deseja participar nas comemorações dos Centenários com todo o seu entusiasmo patriótico, pensou e muito bem, que o seu amor pela Pátria não poderia ficar mais bem expresso do que num cruzeiro que eternisasse a sua fé, pois mais uma cruz erguida na Terra portuguesa é mais uma bênção de Deus sôbre ela — e as Nações e os Impérios dependem d'Aquele que é o Senhor do céu e da terra!

O Cabo da Roca, «onde a terra se acaba e o mar começa», como cantou Camões, foi o lugar escolhido para o cruzeiro da M. P. F..

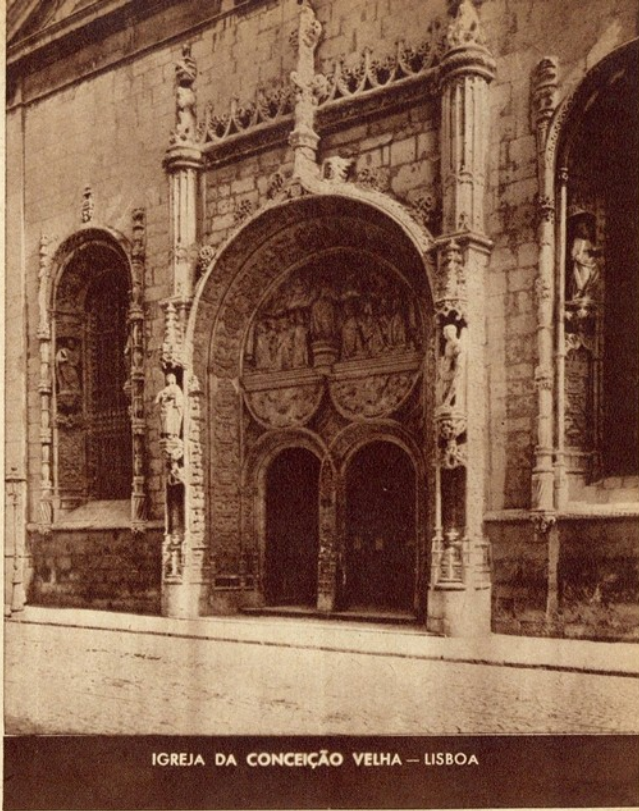
A Cruz, dominando o Oceano, recorda todas as nossas glórias: o olhar das raparigas da «Mocidade», quando em romaria forem orar junto do seu Cruzeiro, perder-se-á pelo mar fóra... E para nós, portugueses, o mar é, como Deus, o sonho de quem traz na alma uma aspiração do infinito!

Mas se a fundação de Portugal foi uma obra de fé, de fé foi também o milagre da sua Restauração.

D. João IV, proclamando Nossa Senhora da Conceição Padroeira do Reino, quiz mostrar a sua confiança n'Aquela que, sendo a Medianeira de todas as graças, poderia alcançar-nos a vitória numa luta desigual em que a derrota seria a morte de Portugal!

N.ª Senhora da Conceição ouviu a oração dos portugueses que, querendo ser livres, se tornaram seus vassalos.

A M. P. F. não poderia deixar de imitar os seus maiores, ajoelhando-se agradecida aos pés de N.ª Senhora da Conceição.

Cheia de reconhecimento — no seu amor por Portugal que se confunde no seu coração com o amor da celeste Padroeira — a M. P. F. mandará celebrar missa no dia 1 de Dezembro próximo nas igrejas e capelas de Portugal erigidas sob a invocação de N.ª Senhora da Conceição.

IGREJA DA CONCEIÇÃO VELHA — LISBOA

As alfaias dos altares serão, tanto quanto possível, confeccionadas pelas filiadas, e o perfume das flores, ali colocadas também pelas mãos das nossas raparigas, há-de subir para Deus tão agradável como o perfume suave do incenso.

Ainda como preito de homenagem à Padroeira de Portugal, serão publicadas as monografias das respectivas igrejas e capelas.

E porque a alegria não seria completa se não se desdobrasse em caridade, a M. P. F. distribuirá agasalhos por velhos e crianças, para que os pobresinhos, no ano de oiro dos centenários, recebam também da riqueza de amor que transborda do coração da «Mocidade»!

Será esta a colaboração especial que a M. P. F. dará às comemorações centenárias. Mas em todas as festas a «Mocidade» quer ter o seu lugar, em todas quer participar com o seu entusiasmo juvenil.

A M. P. F. quer recolher no seu coração oito séculos de amor pátrio, afirmado em tanto heroísmo, e faz nesta hora sagrada um juramento solene de bem servir a Nação, *com o mesmo espirito e a mesma generosidade daqueles que seguiram D. Afonso Henriques e combateram por D. João IV.*

Maria Joana Mendes Leal

VAI abrir a Exposição do Mundo Português e a ela consagra número especial esta Revista da Mocidade Portuguesa Feminina.

Pedem-me que escreva duas palavras.

Nunca vi pedir tão pouco e, todavia, nunca me custou tanto a dizer sim...

Para decidir-me, mais do que a amiga insistência do pedido, vale a saüdade que trago comigo — saüdade das minhas filhas que eu vejo, no seu uniforme, alinharem no magnífico e lindo escalão Feminino da Mocidade Portuguesa.

Oiço e sinto a ansiedade com que me preguntam : — «Então — Paisinho — e como é a Exposição ?»

Que me perdôem as suas outras e tantas camaradas, mas é mais para elas que eu vou escrever.

Explico esta timidês pela dificuldade de abordar um assunto difícil e árduo, porque é muita a sua amplidão, a sua beleza e a sua grandeza.

* * *

O que é a Exposição ? — «A síntese da nossa acção civilisadora, da nossa acção na História do Mundo», para «mostrar», por assim dizer, todas as pégadas e vestígios de Portugal no Globo».

Porque assim concretisou Salazar o tema da Exposição, os seus realisadores tiveram que debruçar-se à janela da História e assistir ao desenrolar dos magestosos quadros que Portugueses d'outrora assinaram para, inspirados neles, aos portugueses de hoje mostrarem as glórias da nossa acção em proveito dos Homens e por graça de Deus.

Tem assim, nos nossos dias, um cunho novo esta Exposição.

A' beleza e grandeza das Exposições Internacionais realisadas em Espanha, França, Bélgica e Américas, junta-se em Portugal o da Exposição do Mundo Português, só nossa, realisada e concebida à nossa maneira e feitio, com a impressão única e rara do nosso Lar que, por ser tamanino, não se deixa vencer em beleza e glória.

Não é orgulho — é verdade.

Por ser Nacional, a Exposição do Mundo Português não receia comparações com outras realisadas no estrangeiro.

E' estranha na sua limitação que abrange oito séculos e roteiros de Glória por todo o mundo.

Descrevê-la ou tentar descrevê-la não se concebe.

E' uma lição ilustrada, que se dirige à alma da gente antes de tocar o espírito.

Não vou, por isso, responder à pregunta : «... como é a Exposição ?»

Mas posso, porque escrevo para a Mocidade Feminina, deter-me uns momentos para recolhidamente invocar feitos e sacrifícios que os nossos Poetas, Heróis e Santos ofereceram para Glória de Deus e da nossa Raça.

E então, ao analisar a têmpera dêsses caracteres, não posso deixar de dobrar-me perante as sagradas mãis de todo êsse friso de glória, e assim, às raparigas de hoje, falar dêste geito :

Aprender a ser mãi é dar à Nação a maior prova de Amor.

Criar e educar são dois verbos que se transfundem quando se oferecem com devoção à Pátria.

Na vida a mais sagrada função é criar e educar quem ha-de servir - porque servir significa renúncia a favor da Nação.

Saber servir — ai como é difícil !

Não serve bem quem apenas quere servir bem. Querer é pouco — não basta. E' preciso ter um carácter integro, uma fôrça de vontade grande, uma inteligência bem orientada.

Modelar uma personalidade assim é oferecer à Nação o maior serviço que pode imaginar-se.

E é no regaço das mãis, no exemplo delas, no seu sacrifício e amor, que o caracter se desenha, que a vontade se fortifica e que a inteligência se orienta.

Com que orgulho não devem visitar a Exposição as Mulheres Portuguesas !

Ao repassarem pelos seus olhos tôda a gigantesca acção dos Portugueses hão-de sentir atrás dos Homens a mais gigantesca e sagrada tarefa da vida : — a obra das Mãis !

Como ela é grande e como é linda.

* * *

A vós — Raparigas da Mocidade ! e a vós — minhas filhas, que lá ao fundo vejo, nas filas da retaguarda — eu venho mostrar na Grandeza da nossa História a Grandeza do vosso Papel.

Formais na mais sagrada das fileiras dos Soldados da Nação.

Não vestis o uniforme senão para aprenderdes que o caminho da vida é talhado dentro do Dever para com a Pátria.

Um Herói, um Poeta ou um Santo cria-se porque trilhou o caminho por onde vós passareis.

Na Exposição do Mundo Português atrás de cada feito heis-de vêr o Gigante que o realisou. Mas ao lado da mais máscula das figuras, se o vosso coração bater bem, discortinareis um berço pequenino e a voz macia de uma mãi que o embala...

Disse o que devia ?

Disse pelo menos o que sinto.

A. PINTO MACHADO

EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS

NUNO GONÇALVES. — Veneração a S. Vicente. — Século XV. MUSEU DAS JANELAS VERDES

Exposição de Pintura Portuguêsa dos Séculos XV e XVI

TODAS as filiadas da «Mocidade Portuguesa» devem visitar a Exposição de Pintura Portuguesa dos séculos XV e XVI. *Integrada nas Comemorações Centenárias, a sua abertura será no dia 11 de Junho.*

Já o grande esfôrço para trazer à capital as obras de pintura antiga portuguesa, espalhadas por todos os recantos do país, é lição que mostra quanto pode a vontade ao serviço de uma elevada obra de salvação e cultura.

Muitos dos painéis reünidos estavam em perigo de perder-se. O Govêrno da Nação deu os meios para que se restaurassem, de modo a poderem suportar por mais séculos o desgaste inevitável do tempo e, quantas vezes, da maldade e da ignorância dos homens.

Perto de tresentas tábuas, na maioria obras de carácter religioso, realisadas para figurar nos altares, outras representando pessoas de qualidade, dão-nos a mais clara idéia da vida intima, da piedade, do valor, das aspirações da sociedade que criou e assistiu a um dos mais notáveis e construtivos periodos da História de Portugal!

Todos os painéis devem ser examinados longamente. Ao lado da seriedade dos processos usados pelos pintores, ao lado da belesa que resalta de cada obra — na composição, no colorido, no ritmo, no sentimento, — não há parcela de pintura da qual se não tire uma lição de boa arte, de bom gôsto, de pormenorisada indicação dos usos e dos costumes, nas épocas gloriosas de quatrocentos e de quinhentos.

Esta nota é um convite instante às filiadas da «Mocidade Portuguesa» para irem muitas vezes ao notabilíssimo certame. Outros artigos explicarão a pintura que nas salas se contêm. Mas não haverá, de certo, palavras que traduzam o regalo de examinar em silêncio, de alimentar e exaltar a imaginação, de poder colher e recolher na memória a lição imensa que nos será dada por êste conjunto de obras preciosas e admiráveis!...

A RAINHA DA RESTAURAÇÃO

D. LUÍSA DE GUSMÃO

FOI em 1633, numa chuvosa manhã de Janeiro, que D. Luísa Francisca de Gusmão, filha do Duque de Medina Sidónia, pela vez primeira pisou terras de Portugal, onde, sete anos mais tarde, seria rainha, pela graça de Deus e pelo esfôrço redentor da grei. Vinha desposar aquele que podia intitular-se o maior senhor português, desde que a pátria perdera seu rei natural.

Terminado o borborinho das festas com que em Vila Viçosa se festejou estrondosamente o enlace das casas de Bragança e de Medina Sidónia, D. Luísa de Gusmão iniciou inquieta vida de sobressalto. Durante o ansioso período de espectativa que mais pròximamente antecedeu a revolução de 1640, a duras provas sujeitou o seu coração de espôsa e mãi. A todo o momento era possível a justiça de Castela vir arrebatar-lhe o marido para o arrastar ao cadafalso, acusando-o de cabecilha da latente rebelião popular; a todo o momento eram possíveis alterações na hipócrita bemquerença manifestada por Filipe IV à nobreza de Portugal que não o hostilizasse abertamente.

Quantas pobres mulheres plebeias não invejaria D. Luísa de Gusmão, a muito poderosa espôsa do maior fidalgo português, no momento em que, para evitar que o marido prematuramente se comprometesse na grande aventura da Restauração, ofereceu ao povo de Vila Viçosa, ansioso por aclamar um Bragança, a presença gentil do duque de Barcelos, D. Teodósio, do seu filhinho de quatro anos, mal seguro na sela dum cavalito manso, que um escudeiro levava à rédea!...

De Janeiro de 1638 até ao dia 3 de Dezembro de 1640, isto é, até se receber, em Vila Viçosa, notícia da triunfante revolução que elevara ao trono os duques de Bragança, D. Luísa de Gusmão foi, com certeza, a mais interessada espectadora dos acontecimentos que se iam precipitando na vida política do reino e sempre no paço ducal tinham funda repercussão. Sabe, horrorizada, da repressão sangrenta com que se castigaram os motins do Alentejo e do Algarve. Ouve, indignadíssima, o duque, seu marido, receber ordens do Escurial para organizar, à sua custa, um corpo de tropas que iria combater por Filipe IV, na guerra com os franceses, e, mais tarde, para se incorporar, como qualquer simples vassalo, no séquito do usurpador, a caminho das côrtes aragonesas. Já crente na vitória final da sua pátria adoptiva, tem conhecimento de que emissários de Luís XIII e de Richelieu andam pelo reino a sondar os ânimos e a fazer promessas de poderoso auxílio da França a um movimento libertador. Chega-lhe aos ouvidos o clamor de esperança erguido em Portugal pelo exemplo da Catalunha revoltada contra o rei de Castela. Compreende que mundo de traições se oculta na nomeação do marido para governador das armas de todo o reino, em 1639.

Durante muito tempo, para rebaixar o Feliz Restaurador, para o pintar como um fraco, um indeciso, caminhando ao sabor de uma vontade vacilante, como um comodista que a tudo preferia a remançosa vida provinciana e a quem só a música sacra e aventuras de caça entusiasmavam, pareceu necessário engrandecer desmedidamente a figura de D. Luísa de Gusmão e atribuir-se-lhe o papel mais digno e simpático na grande cêna histórica em que foi preciso resolver se Portugal seria outra vez um velho reino livre, agora sob o cetro dos Braganças, ou uma república juvenil à maneira da Holanda. Foram os historiadores pouco afeiçoados a D. João que atribuiram à duquesa de Bragança, sua espôsa, aquela frase de épica ressonância que assenta bem ao seu temperamento combativo: «Antes morrer reinando que viver servindo!»

D. Luísa de Gusmão não necessita, porém, de louros que não ganhou para ser uma das mais nobres figuras da nossa História. Foi abertamente favorável à revolução de 1640 e compartilhou entusiàsticamente, com o duque, seu marido, o desejo de vêr Portugal restituído à sua existência de pátria livre. Esse desejo seria, nela, mais premente e apressado? Domina-la-ia maior ambição? E' muito possível, porque o duque de Bragança revelou-se sobretudo como um grande português, mais pronto a morrer pela liberdade pátria do que pelo trono oferecido.

Ainda como esposa de D. João IV, deixou vestígios insofismáveis da sua esclarecida acção diplomatica e alto senso político, da sua inquebrantável dedicação a Portugal que a levou a vender, para acudir às despesas da guerra, parte das joias do seu dote, avaliadas em vinte mil ducados. Um emissário de Luís XIV e do cardial Mazarino, o cavaleiro de Jant, que veiu ao nosso país solicitar auxílio eficaz à França na guerra contra a Espanha, não se cansa de gabar seus excepcionais dotes de inteligência, de energia moral, de graciosa distinção.

Foi numa das entrevistas em que o cavaleiro de Jant pretendia atraí-la com deslumbrantes promessas, que D. Luísa de Gusmão, aludindo à possibilidade da França fazer a paz com a Espanha e de Portugal se ver só em campo, na luta com êste poderoso Estado, declarou que, uma vez exgotados todos os meios de defesa contra os opressores, ela e os seus últimos partidários encerrar-se-iam em Lisboa e, lançando fogo à capital, procurariam um fim digno e honroso.

Em 1653, D. Luísa de Gusmão sofre o mais rude golpe com que a Fatalidade podia feri-la: a morte rouba-lhe o seu filho primogénito, D. Teodósio, esperançoso príncipe de dezanove anos, a quem dedicou a mais exaltada ternura materna, como bem o comprova a carta que lhe escreveu dois anos antes de o perder, quando êle partira precipitadamente, e de surprêsa, para a fronteira de Elvas, com o temerário intuito de capitanear uma ofensiva contra a Espanha.

Por morte de D. João, o pesado encargo da regência recai sôbre a rainha viuva e o simples facto de nenhum protesto se ter erguido contra a cláusula testamentária que a nomeia, basta como prova de quanto os portugueses confiavam na lealdade e dotes intelectuais da espanhola a quem todos, incluindo o próprio rei, iam ficar sujeitos. Os factos justificaram tal confiança, porque durante seis anos — os que durou a regência — a acção de D. Luísa faz-se sentir da maneira mais favorável aos interêsses do reino, ora aplacando rivalidades palacianas, ora estimulando patrióticos esforços de guerreiros e diplomatas. Durante a sua regência, ganhámos duas grandes batalhas: uma, nos campos do Alentejo — a das linhas de Elvas; — outra, nos salões de Whitehall, onde, contrariando tenaz oposição da Espanha, uma princesa portuguesa entrou como rainha da Grã Bretanha. A entrega de Bombaim e Tanger a Carlos II de Inglaterra, como dote dessa princesa, foi considerada grave culpa da rainha regente, até a História encontrar atenuantes para tal procedimento que talvez nos poupasse a sacrifícios ainda mais penosos.

Importante e inteiramente digna foi a sua intervenção, quando se torna necessário reprimir os desmandos de Afonso VI e dos seus validos Conti. Por amor do reino, recalcou a Rainha a sua ofendida dignidade de mãi e, não querendo compreender injúrias, só abandonou o govêrno ao filho, quando, quási pela fôrça, a isso a obrigaram. Entre a glacial frieza do rei e a do infante D. Pedro, recolheu-se, desgostosa, a um mosteiro, meses depois de o conde de Castelo Melhor conseguir que seu filho lhe tomasse contas do régio poder. Deus fez-lhe a graça de já não assistir ao turvo drama palaciano que atirou Afonso VI para o Castelo de Angra, perseguido e desprezado pela própria espôsa e pelo irmão.

Nada obsta a que admiremos a integralmente a nobilíssima figura de mulher que os conjurados da Restauração ergueram ao trono de Santa Isabel, a mulher que mereceu ser dedicadamente servida por D. Filipa de Vilhena, por D. Mariana de Lencastre, as duas gloriosas mãis portuguesas a quem a mais humana das angústias não inspirou uma só lágrima enquanto o Portugal escravizado de 1640 não esboçou seu primeiro e claro sorriso de libertação.

Teresa Leitão de Barros

NAU PORTUGAL

A **NAU PORTUGAL** é a reconstituïção dum galeão português que durante os séculos XVII e XVIII fizeram as grandes carreiras da Índia, cimentando a posse do Império Português, pelas relações comerciais e politicas estabelecidas entre Lisboa e as longinquas paragens do Oriente.

No seu exterior êste navio é completo nos pormenores da evocação e nas linhas do casco, aparelho e velame. No interior foi êle, provisòriamente, adaptado aos fins próprios da Exposição do Mundo Português, não representando, portanto, o seu arranjo, o aspecto que tinham, em plena navegação, êsses navios.

A **NAU PORTUGAL** é um barco de 1.200 toneladas, construido inteiramente de madeira, de origem portuguesa e brasileira. O seu plano é da autoria de Leitão de Barros, e o projecto da construção, na parte técnica náutica, do Comandante Quirino da Fonseca, e na parte arqueológica artística de Martins Barata. Foi seu construtor Manuel Maria Bolais Mónica, com estaleiros na Gafanha (Aveiro) e dirigiu a parte de talha Abraão de Carvalho, chefe da secção de arte antiga da Casa Olaio de Lisboa, e o construtor Guilherme Gomes, que conhece bem a arquitectura setecentista.

Todos estes elementos, como atrás se diz, trabalharam sob o plano geral e a coordenação de Leitão de Barros, director artístico da construção,

No interior da **NAU PORTUGAL** figuram, para a época da Exposição, algumas instalações de vários organismos. Assim, o Banco de Portugal promove ali a *Exposição de Ouro*, com os grandes especimens das nossas moedas do século XVIII; o Instituto do Vinho do Pôrto, a Companhia Nacional de Navegação, a Companhia dos Diamantes de Angola, a Companhia Colonial de Navegação e outras entidades têm ali a sua representação. Todo o interior da Nau, comquanto esteja adaptado aos fins em vista, tem o ambiente cuidado ao sabor da época evocada com a sua construção.

A **NAU PORTUGAL** tem, na sua coberta principal, uma «Ala dos Mercadores» e no castelo da prôa um restaurante, onde se servem as refeições na Baixela «Celestino», propositadamente fabricada para a Nau, pelo grande joalheiro portuense. Nos porões tem a Nau as adegas, entregues a altos organismos vinicolas do país. No castelo da pôpa existem duas galerias sobrepostas e no terceiro pavimento a «Casa da Capitania».

A Nau é inteiramente feita por portugueses e absolutamente navegável, não só para rotas costeiras como para viagens transoceânicas. A Nau tem local para instalação de motores e hélice, e é artilhada com 48 peças de vários calibres, tendo sido algumas expressamente fundidas em bronze sob modelos autênticos, na Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata. Essas peças são praticáveis e salvarão em honra do Chefe do Estado à entrada em Cascais, da Nau, quando esta vier para a Exposição do Mundo Português. A Nau foi construida a expensas de vários donativos particulares, tendo o Estado contribuído apenas com 500 contos. O grande barco, depois de concluído ficará valendo cêrca de três mil contos. Todos os fornecedores da Nau têm feito condições excepcionais para os respectivos fornecimentos, e alguns, mesmo, cedido gratuitamente parte dos mesmos. A Direcção dos Edifícios e Monumentos Nacionais, numa alta compreensão do que valerá a Nau como propaganda portuguesa, não só no nosso país mas no Estrangeiro, contribuiu com a maior dedicação na construção do navio, dispondo, para o efeito, de muitas peças de talha que estavam condenadas a uma completa inutilidade e ali foram salvas e adaptadas com superior critério.

A **NAU PORTUGAL** fica o maior navio de madeira, moderno, construido há muitos anos a esta parte, em qualquer país do mundo e fica sendo o maior e mais importante especímen de arquitectura naval do mundo inteiro, motivo porque à simples enumeração das suas características, o director da **NAU PORTUGAL** recebeu dos mais importantes museus marítimos da Europa e até da América, pedidos para envio de documentação e fotografias do navio.

III SALÃO DE EDUCAÇÃO ESTÉTICA DA M. P.

Este ano, a Exposição dos trabalhos da «Mocidade» realisou-se em comum: no mesmo salão da Sociedade Nacional de Belas Artes misturaram-se os trabalhos dos rapazes com os das raparigas.

A Exposição teve um cunho nacionalista acentuado e, como era natural nêste ano dos centenários, os motivos patriòticos em relação com a Fundação e a Restauração multiplicaram-se: o Castelo de Guimarãis e o milagre de Ourique, D. Afonso Henriques e D. João IV, os herois da Restauração, escudos e bandeiras, etc., foram a especial fonte de inspiração dos expositores.

Os rapazes trataram estes motivos em desenhos e em trabalhos de arte aplicada, lindas criações de ferro, de madeira, etc.

As raparigas apresentaram os mesmos motivos em tôda a espécie de bordados.

Estou a recordar um lindo roquete de tule, com desenhos litùrgicos — cruzes, espigas e uvas — a que, discretamente, souberam acrescentar uma barra com a bandeira de D. Afonso Henriques e o escudo de D. João IV, repetidos em tôda a volta e entremeados com as respectivas datas: 1140 e 1640.

Recordo também um magnifico tapete de Arraiolos com o brazão da Casa de Bragança e um painel com o mesmo brazão bordado sôbre a Cruz de D. Afonso Henriques.

Num outro painel, com as bandeiras de Portugal através dos séculos, e as cruzes de Cristo e Aviz, liam-se os seguintes versos:

Bandeiras e guiões da nossa Terra,
Testemunhos altivos da victória,
Grandes na paz e maiores na guerra
Simbolos eternos de valor e de gloria.

Sentinelas de brio ao alto erguidas
Mostrando ao mundo a Pátria imortal.
Fé e honra estão em vós unidas
Bandeiras e guiões de Portugal!

Outros motivos històricos foram ainda escolhidos: caravelas, padrões, etc.

Mãos delicadas souberam manejar bilros para tecer uma esfera armilar e bordaram a branco, sôbre redes de desfiados, os escudos da bandeira.

Num outro trabalho, viam-se as caravelas pelo mar fora e, lá no alto do céu, a Senhora da Boa Viagem de mãos postas a pedir pelos navegantes.

Numerosas almofadas.

Temos forçosamente de ser breves nas impressões da nossa visita porque o espaço é pouco; mas faz-nos pena ter de passar em silêncio taatn coisa bela que merecia uma referência!

Vamos, pois, dar apenas algumas impressões de conjunto.

Paramentos gòticos, de linhas e ornamentações puramente litùrgicas. Toalhas e roupas de altar em linho e cambraia, de tal delicadeza e alvura que parece que a pròpria neve desabrochou em flores.

Enxovais de crianças, em açafates a transbordar de coisas mimosas.

Roupas de senhora delicadamente bordadas.

Um vestido de 1.ª comunhão, visão de graça a pureza.

Bordados regionais. Colchas de Castelo Branco (feitas na Escola Profissional da M. P. F.) com desenhos e côres reproduzindo fielmente as colchas antigas. Bordados de Viana do Castelo vistosos e alegres.

Motivos populares. Danças, balões, fogueiras, mangericos e alcachofras em trabalhos de aplicação.

Lindas aguarelas e desenhos.

Emfim, mil coisas interessantes, em rendas, em bordados, e também em trabalhos de fantasia, como por exemplo as pequeninas capelas imitando as que se faziam nos conventos: um altarsinho com uma pequenina imagem sob um arco de flores, tudo isto encerrado numa caixa de vidro.

E não poderiamos deixar de fazer referência, para fechar esta breve noticia, a um encantador oratòrio para criança, no qual o Menino Jesus, de vestido de setim branco bordado e coroa de prata sôbre a cabeça, ergue a sua mãosinha a abençoar, debaixo dum docel de tule onde estrêlas brilham.

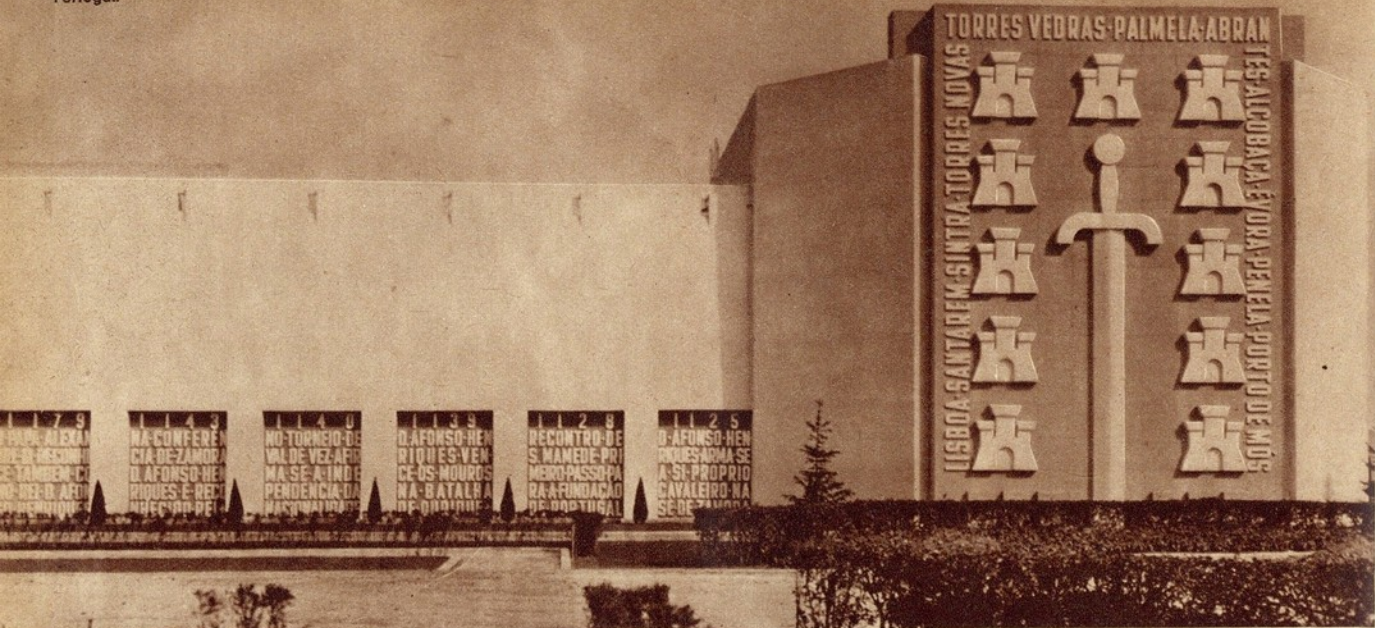
A fazer fundo, um painel com passagens da História Sagrada: a Arca de Noé com a bicharada a espreitar curiosa às janelas... Os Reis Magos... S. João e N.ª Senhora em adoração... Ovelhinhas pastando num prado florido... Em baixo, animais de todas as espécies, mas todos com um ar de bondade, na serenidade divina que sôbre eles faz descer o meigo olhar de Jesus.

Uma caixa para esmolas — a lembrar os pobrezinhos. Um genuflexòrio — forrado de setim verde, dum tom macio e claro, como a esperança dos que nunca tiveram desilusões... — e orações simples para os pequeninos aprenderem a soletrar...

Num bauzinho, o enxoval do Menino Jesus.

E, lá no alto de tudo, uma estrêla: a Estrêla de Belem, que eternamente brilha sôbre a humanidade, mostrando-lhe o Caminho, a Verdade e a Vida!

M. J.

primeiras páginas da História de Portugal.

PÁGINA DAS LUSITAS

ERA UMA VEZ...

AS LUSITAS E A HISTÓRIA PÁTRIA

— Isto de ser lusita — dizia Mónica às primas Maria e Manuela, naquela tarde de Junho quente e soalheira, enquanto lanchavam alegremente sentadas na relva — é uma grande responsabilidade, afinal.

— Porquê? — preguntou Manuela trincando com apetite uma sandwich de fiambre.

— Porque lusita quer dizer portuguesita; e como estamos em 1940...

— No ano dos centenários — interrompeu Maria.

— Pois é isso mesmo! — exclamou Mónica. Tem de se saber a História Pátria na perfeição! — concluiu.

— Melhor! — respondeu Manuela. — Quanto mais se souber da nossa História, mais se gosta da nossa querida terra!

— Falas bem, Manuela, porque és uma sabichona, mas eu... — e Mónica respirou fundo.

— Querem vocês que falemos esta tarde da fundação da nossa Independência? — preguntou Manuela com calor — não há nada mais lindo para nós, lusitas, do que conhecer bem a significação destas festas dos centenários.

— Cá de 1640 sei eu bem — cortou Maria.

— Foi a Restauração da nossa Pátria, que vivia havia 60 anos sujeita aos espanhóis.

— Mas saber o fim sem saber o princípio é uma patetice — observou Mónica. — Por isso, Manuela, se queres conta-nos bem contadinha a história da fundação da nossa terra, sim?

Manuela pensou um momento; depois disse, com gravidade:

— Ah! meninas, eu adoro tanto a minha Pátria! Tenho um verdadeiro orgulho em ser portuguesa!

— E sabes tão bem a nossa História... — murmurou Mónica.

— Mas, para lhes contar a razão dos centenários, bom era começar pelo princípio: e olhem que o verdadeiro princípio não é ainda D. Afonso Henriques.

— Conta, conta, Manuela.

— Muitos anos, muitos, antes de nascer Nosso Senhor Jesus Cristo, havia uma quantidade de povos cá por estes lados; e andavam sempre a guerrear-se a tirar terras uns aos outros, a fugirem ou a conquistarem.

— Devia ser um inferno viver nessas terras.

— Se começas lá tão longe nunca mais cá chegas, Manuela.

— Isto é só para dizer que entre êsses povos vários havia um que nunca deixou de viver na região que é hoje a nossa; era o povo lusitano, e essa região chamava-se a Lusitânia. Os próprios escritores romanos antiqüíssimos como por exemplo Tito Civio, falavam das várias terras e da Lusitânia em especial. Vocês sabem bem com certeza como se chamava o grande Lusitano, que combateu os romanos?

— Viriato! — gritaram as duas primas.

— Ora ainda bem — continuou Manuela.

— É que há por aí gente que diz descenderem os portugueses dos iberos e celtas e godos, e o diabo a quatro.

— Que trapalhada!

— É mentira tudo isso: os iberos ficaram lá para Espanha; e o forte da raça portuguesa eram os lusitanos, embora se misturassem com godos e romanos, sabe-se isso com certeza. E era uma raça de mão cheia! Os próprios romanos depois de virem para cá (e trouxeram muita civilização, é claro) admiravam as qualidades dos lusitanos, distinguindo-se dêsses outros povos que enchiam a península...

— Ibérica! — exclamou Mónica.

— Perdeste uma ocasião de ficares calada; essa mania da Península Ibérica é uma idiotice inventada há pouco tempo, e nunca houve região nenhuma chamada Ibéria. Mas vamos ao que importa. A Espanha era então uma quantidade de estadosinhos, sabem vocês? Havia Castella, havia Leão, havia Aragão, havia Galliza, que descia até ao Mondego, e ainda outros. Ora, como sabem, vieram de França dois príncipes (condes de Borgonha) casar com as duas filhas do rei de Leão e de Castella: e ao conde D. Henrique coube D. Teresa, dona do condado da Galliza e Portugal.

— Isso tudo já eu sabia — murmurou Maria.

— Mas onde eu quero chegar é aqui! — continuou Manuela. — O filho de D. Teresa e de D. Henrique, que nasceu em Guimarãis, era um rapaz extraordinário! Aos 14 anos, oiçam bem! em Zamora, armou-se êle próprio cavaleiro! E assim era êle, o chefe de todos. Tinha inteligência, coragem, audácia, valor!

— E tão novo!

— Cada vez mais gostavam dêle, cada vez mais se ia formando a Pátria Portuguesa. E depois que houve a batalha de S. Mamede contra a mãi (porque ela tinha casado com um espanhol e lá se ia indo o condado de Portugal) ficou bem vincada a nação portuguesa: Começava a existir a alma nacional!

— Era então Rei D. Afonso Henriques?

— Ainda não. E faltava conquistar as terras do sul, onde reinavam os mouros. Não era pequeno trabalho, não! E essa conquista do Sul era não só pelas terras em si, mas para vencerem os cristãos. Um belo dia marchou D. Afonso Henriques à frente de milhares de homens, (para aí uns dôze mil, ou mais), e houve uma enorme batalha no Alentejo; do nosso lado os cristãos, do outro, os mouros: a batalha de Ourique! E foi nessa ocasião que vieram pedir a D. Afonso Henriques que se deixasse aclamar Rei.

— Que lindo tudo isso! — exclamou Mónica.

— Trouxeram-lhe um cavalão enorme e o Rei montou-o; e as armas dêle eram brancas e lindas!

— Contas tão bem!

— E todos gritaram:

«Real Real por El-Rei D. Afonso Henriques de Portugal»!

— E depois desta batalha de Ourique (onde êle até teve uma visão de Nosso Senhor, dizendo-lhe que venceria pelas Suas chagas!) ficou fundada a Monarquia Portuguêsa: Em 25 de Julho de 1139! Mas festeja-se neste ano de 1940 para juntar êste centenário da Fundação ao da Restauração de 1640.

— Viva D. Afonso Henriques! — gritaram tôdas.

do Castelo.

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

AVENTURAS DE

ROSA TEIMOSA

O mastro real caía aos bocados, o barco abria por vários lados e os pobres homens, agarrando-se aos destroços viam-se mergulhados em pleno mar, sem sequer se resolverem a nadar através do denso nevoeiro.

— Rosita querida agarra-te com fôrça aos meus ombros! gritava Ben, que logo pegára na infeliz criança.

— O que foi isto, Ben, murmurava Rosa, chorando!

— Devemos ter tocado numa mina — respondeu Ben.

— E vamos morrer afogados? tornou Rosa.

— Talvez surja um navio que nos salve... murmurou Ben sem convicção.

Mergulhados na água gelada, agarrados aos destroços do seu barco desfeito, com fome, com frio, sem rumo, sem esperança de salvação, ali estavam aqueles pobres infelizes havia horas e horas...

Eis que de repente ouviram bem perto, assustadoramente perto a busina grave dum vapor! Rosa gritou:

— Estamos salvos, Ben?!

— Ou vamos ser esmigalhados... murmurou Ben, sem que a Rosa ouvisse.

— Nossa Senhora de Fátima, olhai por nós! gritava a voz fraca de Rosa entre lágrimas.

E, de facto, Nossa Senhora os ouviu naquelas preces... O nevoeiro começou a dissipar-se e um grande transatlântico surgiu muito perto, businando fortemente. Momentos depois eram os naufragos do «Santa de la Mar» recolhidos a bordo e Rosa instalada carinhosamente num modesto camarote de terceira classe.

* * *

Nunca mais houvera alegria na linda casa da Estrêla, onde os pais da Rosa choravam o desaparecimento da filha. O desgôsto da Joaquina, a boa criada que se considerava responsável por aquela desgraça, fôra tal que caíra na cama com uma febre cerebral e estava entre a vida e a morte.

Jùjù, a última pessoa que tinha estado com Rosa já não ria com gôsto nem brincava como antes...

O Dr. Menezes, todos os dias comunicava com a polícia, e, os melhores agentes estavam encarregados das pesquizas.

— A criança foi decerto levada para fóra de Lisboa — opinou um dêles.

— E, talvez, mesmo, para fóra de Portugal — disse o chefe — ora a caravana cigana que estava na feira saiu naquela madrugada para o Alentejo.

— Mas a polícia foi ao acampamento! disse o Dr. Menezes — e só lá viu ciganos!...

— E' possível, senhor doutor, mas aquela gente tem artes de disfarce que nos enganam tantas vezes... e o chefe calou-se pensativo.

— A Jùjú, minha sobrinha, contou que a pobre Rosinha ia atrás do rapaz do urso, quando desapareceu — observou o Dr. Menezes — não poderia achar-se êsse rapaz?

— A pista dos ciganos — tornou o agente — fôra a meu vêr, abandonada cedo demais. Vou vêr se podemos retomá-la outra vez.

— Chefe — disse outro agente — êsses mesmos ciganos já cá estiveram no ano passado e existe no govêrno civil a lista dos nomes, idades, etc.

— Mas isso é precioso — respondeu o chefe — vou telefonar sôbre o asunto e você vá ao govêrno civil vêr essa lista.

O Dr. Menezes sentia-se esperançado, depois de muitos dias de desânimo que nem já tinha coragem de o esconder da sua mulher, animava-o agora a ideia de que o rapaz do urso talvez pudesse ajudá-los a descobrir a adorada Rosa.

E dias depois, o chefe das investigações trazia-lhe uma boa notícia: tinham conseguido reconstituir até à fronteira a passagem dos ciganos que se dirigiam para Cadiz.

— E ia alguma pequena com êles? preguntou, ancioso, o Dr. Menezes.

Figura nesta lista uma pequena de onze anos, com o nome de Zuleima, será esta a sua filhinha? Não é impossível...

— Como tudo é lento para a nossa ansiedade... murmurava o pobre pai.

Mas, as investigações, iam marchando com alguns resultados. A polícia conseguira saber que em Cadiz estava de facto um acampamento de ciganos; que havia um rapaz que fazia dançar um urso, mas que a pequena Zuleima, inscrita na fronteira desaparecera misteriosamente sem que soubessem do seu paradeiro. E a velha cigana Mikal, rainha da tribú, jurara sôbre as relíquias da sua religião que não soubera mais nada dessa pequena.

Foi um choque terrível para os pais da Rosa que tanta esperança punham naquela pista. Quanto a ideia que Zuleima e Rosa eram uma e mesma pessoa também isso era uma incerteza e dêsse facto dependia, porém, o caminho a seguir nas investigações. E o Dr. Menezes, sempre com o desejo de falar ao rapaz do urso, tomara a resolução de partir para Cadiz, iria êle próprio interrogar os ciganos e prometer-lhes larga recompensa.

Enquanto as investigações prosseguiam, Rosa, que contara a sua história ao Capitão do transatlântico americano, era o encanto e o interêsse de todos a bordo.

Vestida elegantemente, os seus cabelos loiros penteados com cuidado, as faces rosadas pelo ar salino em quevivia mais dum mês tornava-a a ser encantadora, Rosa de Menezes.

(Continua)

CONCURSO DAS LUSITAS

Ao concurso: **Qual é a figura da História Pátria que mais te interessa e porquê?**

Podem responder todas as leitoras, lusitas ou não, com menos de 15 anos. As respostas serão publicadas, e devem ser dirigidas a

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Rua de Buenos Aires, 10

BRIANDA

BRIANDA

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

PEÇA EM 4 QUADROS

PERSONAGENS:

Brianda, 16 anos
Brites Maria
A sr.ª Bernarda
A sr.ª Mafalda
D. Maria de Castro
Uma Menina
Outra Menina
Uma Freira
Catarina
Mestre Fernão (Algibebe)
D. Duarte de Menezes
Barnabé
D. Joaquim da Cunha
O Almocreve
O Cego
1.º Fidalgo
2.º Fidalgo
3.º Fidalgo
Um Padre

Senhores, Meninas, Freiras, Fidalgos, Gente do Povo, Soldados, etc.

PRIMEIRO QUADRO

(O Largo de S. Domingos em Lisboa. Á porta da casa de Fernão algibebe; Mestre Fernão está sentado à porta a trabalhar. É madrugada).

CÊNA I

MAFALDA FERNÃO *(A voz da sr.ª Mafalda de dentro :* — O' homem! Pois tu estás a pé, criatura?! Mal o sol é nado, já esta alma anda por hi a mourejar. Vai-te p'ra cama!

MESTRE FERNÃO *(cosendo depressa)* — O démo leve as tagarelas...

A SR.ª MAFALDA *(aproximando-se)* — E para quê tudo isto, afinal? Andas-me com êste gibão nem que fôsse p'ró Rei Espanhol...

MESTRE FERNÃO *(aborrecido)* — Cala-te mulher; e recolhe-te!

(Ouvem-se os sinos a tocar para a missa das almas.)

MAFALDA — Queria saber p'ra quem é êsse gibão... E' p'ró alto magro que por aí veiu ontem às Trindades, com certeza. Não me praz a cara daquele homem... E fala, fala, fala... *(confidencial)* — Olha tu, Fernão, que os tempos vão maus! Vê lá bem em que te metes... Vive a gente em socêgo, que mais queremos nós? Cá a mim, tanto se me dá que seja êste como aquele a mandar. Haja o pãosinho...

FERNÃO *(aborrecido)* — O' mulher, deixa-te de falas tôlas... *(Entra Bernarda).*

CÊNA II

(Os mesmos e Bernarda)

BERNARDA — Olhem quem já está a pé, vivam lá!

FERNÃO *(casmurro)* — Viva!...

MAFALDA *(beijando-a)* — Que trazeis de novo, Tia Bernarda? E onde ides tão cedinho?

BERNARDA — Eu? Vou-me à Casa do Senhor, a ouvir a Missa das Alminhas; mas olhai que as ouvi *boas* de um almocreve dos Alentejos!

MAFALDA — Quando? Quando?...

BERNARDA — Ontem na tenda do Mulato... Aquilo é que era povo ao redor do homem! E eu, que entrei lá para comprar um pichel de vinho quente...

MAFALDA *(curiosa)* — Dizei, dizei...

BERNARDA *(irritada, para Fernão)* — Vós não quereis ouvir as novas; mas se soubesseis o que eu sei talvez largasseis o gibão e cuspisseis as linhas da bôca! *(Fernão cose em silêncio).*

MAFALDA — Dizei, dizei, Tia Bernarda.

BERNARDA *(confidencial)* — Já eu me vinha da tenda com o pichel de vinho quente, quando o bom do almocreve começou a contar. E vai êle, disse assim: Alevantou-se para as bandas d'E'vora uma grandecíssima arruaça, e um tamanhão dum homem...

(Fernão levanta-se e escuta... Vêm do outro lado, em tropel, gente do povo, rodeando um almocreve, bolieiros, crianças, mulheres, tudo gritando e passando).

MAFALDA — Senhor Jesu!

FERNÃO *(avançando para o lado)* — Que gentes serão estas?!

CÊNA III

(Os mesmos, almocreve, Brianda).

BERNARDA *(apontando o povo, excitada)* — Olhai! Olhai! São os da tenda do Mulato mais o tal almocreve! Já vêdes se falo verdade ou se minto!

FERNÃO *(aproximando-se do povo)* — E é que é certo! *(ao almocreve).* Se quereis, dizei-me o que é sucedido; e vós *(para as mulheres)* calai-vos, por Deus! *(Todos rodeiam o almocreve).*

O ALMOCREVE *(solene)* — Em E'vora alevantou-se uma revolta! E um homem de altura extranha, a quem chamam o Manuelinho, é quem leva essa revolta... E' êle que fala ao povo!

FERNÃO *(com interesse)* — Mas quem é êsse tal Manuelinho? Donde veiu? O que diz êle?

ALMOCREVE — Donde êle veiu é que ninguém sabe! Surgiu aquele homem, numa manhã de chuva, lá da charneca e é mais alto qu'eu sei lá: olhai que tem uma cabeça a mais do que vós mesmo!

FERNÃO *(incredulo)* — Os vossos olhos não vos teriam enganado?!

MULHERES *(espantadas)* — Louvado seja Deus Nosso Senhor!

ALMOCREVE *(apontando os olhos)* — Vi-o bem com *êstes* que a terra há-de comer. E' um gigantão dum homem, de grandes braços, de grandes pernas! E, como eu ia dizendo, pôs-se a falar e a dar aos braços e a apontar o céu, e a dizer que é preciso o povo levantar-se todo, e mais esta, e mais aquela! Eu quando o vi, senti uma coisa cá dentro!...

BERNARDA *(a Fernão)* — Que vos dizia eu, Mestre Fernão algibebe?

MAFALDA *(as mãos postas)* — Santa Escolástica nos livre das arruaças e barulheiras cá por Lisboa!

BERNARDA *(a Mafalda)* — Apegai-vos com Santo António: é um santinho que atende a gente sempre, pois se em Lisboa mesma foi nado!

FERNÃO — O démo leve tais cèga-règas! Calai-vos e deixai escutar o almocreve.

ALMOCREVE — Olhai que nunca vi nem ouvi um homem como o tal Manuelinho! As falas, ora parecem Escrituras, ora são brados que se ouvem longe! E quando a gente escuta aqueles dizeres até sente uma aquela que não tem explicação!! O Manuelinho não é como os outros. Há quem diga que é doido; mas se o é, diz coisas que chegam ao coração duma criatura...

FERNÃO — E o povo? E o povo?

ALMOCREVE — Vai tudo atrás dêle como um só homem. Tudo quer a sua terra livre! Livre como sempre foi, em centos e centos d'anos!

POVO *(gritando)* — Livre! Livre! Que a gente mande no que é nosso!

POVO *(gritando)* — Fóra com Castelhanos!

BERNARDA — Santo António nos acuda!

MULHERES — Ai que vamos ter arruaças por 'qui! E olhai que a ronda não anda longe, criaturas!

BERNARDA — Tomai tento nos quadrilheiros! *(Todos rodeiam o almocreve, falando).*

BRIANDA *(saindo de casa)* — Que há meu Pai? Porque estais todos aqui? Dizei-me, minha Mãi, sim?

MAFALDA *(zangada)* — Quem vos chamou à rua, menina? Ide cuidar da boleima do vosso Pai, que o lugar de uma môça não é nas arruaças. E se vem a ronda? Quereis ir presa? Ide para casa, ide prestes!

BRIANDA — Deixai-me, minha Mãi, que eu tenho de escutar também. *(Chega-se ao Pai).* Que há, meu Pai, Dizei?

FERNÃO *(beijando-a)* — Deus te salve, filha. Uma revolta em E'vora: mas não creio que seja ainda *esta* a que dará a liberdade à nossa Pátria!

POVO, ALMOCREVE, etc., etc. *(saindo)* — Viva a nossa terra livre! Viva o Manuelinho! Viva! Viva!

BRIANDA *(abraçando o pai)* — Ficastes triste, meu Pai? Mas olhai que essa revolta poderá ser rastilho que pegue...

FERNÃO *(abanando a cabeça)* — Vou-me a casa do sr. D. A'lvaro de Menezes dar-lhe conta destas novas: mas não as julgo d'importância.

BRIANDA *(baixo)* — Parece que oiço ao longe a ronda...

FERNÃO *(escutando)* — Afastou-se para as portas de Santo Antão... Escuta minha filha: é possível que passe por'qui um freguez meu.

BRIANDA *(baixo)* — O que costuma vir pela noite adiante, quando já estamos recolhidas a Mãi e eu?

FERNÃO — Esse mesmo. Dir-lhe-às... que fui a Alfama e prestes tornarei a êste lugar. E vê que tua Mãi e a Bernarda não se tomem de falas com êle. Adeus, Brianda. *(Arruma o trabalho do gibão em casa e volta).*

BRIANDA *(apreensiva e baixo)* — Tomai tento, meu Pai, há por 'hi tantos espiões dos espanhoes...

FERNÃO *(baixo)* — Não te arreceies, menina; que Deus está por nós e há-de valer-nos, Mas, queres saber? Não me parecem de gravidade estas novas do almocreve: e E'vora fica longe... *(Sai Fernão).*

BERNARDA *(a Mafalda)* — Então era certo ou não o que eu contei?

BRIANDA *(anciosa)* — Dizei-me tudo a mim, Tia Bernarda, contai-me o que ouvistes, sim?

BERNARDA *(com importância)* — Pois s'eu era com êles todos ontem na própria tenda do Mulato! Mas vosso Pai não me queria crer, não...

MAFALDA *(zangada, a Brianda)* — Então não digo eu? Recolhei-vos, menina, como é mister.

BRIANDA *(à Mãi)* — A Brites Maria prometeu vir hoje cedinho por aqui, antes de seguir para casa dos meus Padrinhos. E como é dia de eu também ir coser para lá, imos juntas. Posso esperá-la aqui fóra, não posso? *(Tocam os sinos).*

BERNARDA *(despedindo-se com beijos)* — Ai que fico sem a missinha... E, p'ra mais, vai lá agora um velho barbudo que se me encaixou no nicho da porta; até me parece... o démo disfarçado!

MAFALDA *(benzendo-se)* — Crèdo, Tia Bernarda! Tarrenego! Padre, Filho, Espírito Santo! *(Mafalda entra em casa. Bernarda vai saindo e esbarra com Brites Maria que vem a correr.*

BERNARDA *(furiosa, seguindo)* — Tenha tento em quem passa, menina! Ora não há! *(Sai Bernarda).* Nem respeitam a idade de cada um!

CÊNA IV

(Brianda, Brites Maria, Barnabé)

BRITES MARIA *(falando para os bastidores)* — Já cá estou, Madrinha! Até logo, em casa do sr. D. A'lvaro. *(Brites Maria beija Brianda).* Ficou como uma bicha a Vèlhota! *(ri).*

BRIANDA *(sorrindo maliciosa)* — Então, Britesinha, gostaste de vir? Estás contente quando chega o dia da lição de cravo em casa dos meus padrinhos?... Olha, sentamo-nos um bocadinho no banco da porta. *(Sentam-se).* Conta-me, vais adeantada no tanger? P'ra *tudo* te fadou Nossa Senhora, Britesinha!

BRITES MARIA *(confidencial)* — Se tu soubesses... Estou namorada, Brianda!

BRIANDA *(alegre)* — Estás? E eu sei por quem!...

BRITES MARIA *(séria, tapando-lhe a bôca)* — Cala-te, por Deus... Que louca eu sou... Isto é brincadeira... Eu, uma pobre engeitada... Sou nada, menos que nada Brianda! Quem sabe d'onde viemos, a Catarina e eu? ela, encontrada à porta d'um palácio, eu à portaria d'um convento... Triste da minha vida, Brianda...

BRIANDA — Porque dizes isso, Britesinha? Os teus pais adoptivos estimam-te tanto! *(Abraça-a).* E encheram-te de mimos desde pequenina e deram-te uma educação de fidalga... E vestem-te como uma princesa: nunca vi vestido mais lindo do que aquele de balão, com as rosinhas côr de cereja!

BRITES MARIA *(sorrindo)* — É verdade é... *(triste).* Mas gostava tanto, tanto, de saber quem foram meus pais, de vêr um dia a minha Mãi, a minha adorada Mãi... *(baixa a cabeça).* Sonho-a tão linda, Brianda! Alta, magra, pálida... E dava tudo o que tenho, *tudo*, para ter tamanha ventura! A Catarina, vês tu, não sofre como eu...

MAFALDA *(assomando à porta)* — Então, meninas, que dizeres são êsses?! As horas a correrem e eu tenho de as levar para casa do senhor D. A'lvaro. Vinde para dentro; e vós, Brianda, ide acomodar os vossos lavores no açafate.

BRIANDA — Esperai um bocadinho, minha Mãi, inda é tão cêdo!

MAFALDA *(entrando em casa)* — Tão cêdo... Tão cêdo... Ora as faladeiras! Mais valera que rezasseis um terço à Nossa Senhora.

BRITES MARIA *(confidencial)* — Briandinha, se soubesses bem o que me vai na alma...

BRIANDA *(baixo)* — Eu sei, Brites Maria...

BRITES MARIA — Nunca senti o que sinto agora... E' tão bom... E tão doloroso, a um tempo!

BRIANDA *(grave)* — Não entendo nada dessas coisas; mas se vós vos amais porque não haveis de casar?...

BRITES MARIA *(impetuosa)* — Porquê? Porque eu sou engeitada! Como queres que um fidalgo, como êle, tome para mulher uma menina sem nome, sem família... Bem sabes que não é custume, Brianda. Era preciso que eu fôsse também *filha d'algo* como se dizia em tempos d'antanho...

BRIANDA *(energica)* — Sem família? Lá tens os que te serviram de pais; bem extremosos têm sido, coitados. E quem sabe se um dia se vem a descobrir tudo? Quem sabe? Há quem diga que a menina Catarina deve ser filha de gente rica...

BRITES MARIA — Os meus pais adoptivos tudo tentaram quando me levaram para casa; há tantos anos já! E prometeram uma grande esmola ao Convento, se se descobrisse alguma coisa... Mas qual!...

BRIANDA *(decidida)* — Se nada se descobrir, paciência: e se fores recebida pelo sr. D. Duarte da mesma maneira, que t'importa tudo mais, Britesinha? Não te faz mossa!

BRITES MARIA *(sorrindo)* — Recebida por Duarte... *(grave).* Quero-lhe com tôda a minha alma, Brianda! Ele é a minha vida, podes crer...

BRIANDA — E quem sabe, Britesinha, se és fidalga também? Não terei descanso, enquanto não descobrir alguma coisa a teu respeito; e já pedi à minha Mãi para me levar ao Convento do Grilo onde te abandonaram nuasinha, coitada, ao frio e à chuva...

BRITES MARIA *(triste)* — Até já morreu a Freira que me encontrou à porta... Nada se sabe! Nada! A pobre Catarina só trazia uma camisinha: mas era da cambraia mais fina e com rendas de agulha...

A voz de MAFALDA *(rabujenta)* — Então, então, meninas?

BRIANDA *(gritando)* — Lá imos já, minha Mãi! *(Passa Barnabé ao fundo sem as vêr, encostado a um pau e andando com dificuldade).*

BRITES MARIA *(levantando-se, impressionada, olhando para êle)* — Brianda, Brianda...

BRIANDA *(admirada)* — Que queres, Britesinha?

BRITES MARIA *(apontando o velho que passa)* — Aquele velho alto... Aquelas barbas... *(passa a mão pela testa e deixa-se cair sôbre o banco).* Quem será aquele velho? *(fica a scismar).* Eu parece-me que já o vi um dia... Mas quando? Onde? Deve haver tantos anos...

BRIANDA *(anciosa)* — Conhece-lo?! Lembras-te de o ter visto? Diz, Britesinha, diz! Quando eras pequenina? Diz... Lembras-te? Vê se te lembras! Queres que o chame? Parece tão vèlhinho já, e tão pobresinho...

BRITES MARIA *(scismática)* — Era um velho alto como aquele, de grandes barbas brancas, que me amparava num jardim de buxos. Andava sempre comigo!... Mas surgiu um homem negro... *(triste).* Não me lembro, Brianda! Não me lembro! Não me lembro!... *(chora).*

MAFALDA *(à porta)* — Então, meninas, ficais aí ou vindes? Que tendes, Britesinha? Que vos sucedeu? Porque chorais, menina?

BRIANDA *(abraçada a Brites Maria)* — Uma dôr de cabeça, coitadinha. Há-de passar, querendo Deus. Lá imos já, minha Mãi, lá imos... *(encaminham-se devagar para casa)*

MAFALDA *(abanando a cabeça)* — Não será catarrhal, da fresca da manhã?

O PANO CAI DEVAGAR

CARAVELAS

Há séculos, partiram as heroicas caravelas portuguesas, abrindo ao mundo novos e vastos horizontes.

Foram elas que, capitaneadas por alguns dos mais valentes capitãis portugueses, cortaram, primeiro que qualquer outra embarcação, o misterioso manto do Oceano, derrubando assim, duma só vez, todas as lendas que se desenrolavam em torno das terras de Além Mar.

Foi no reinado de D. João I que pela primeira vez se pensou que o mar não era um fantasma, que, pelo contrário, podia ser uma mina de riquezas e de glórias.

Foi o terceiro da inclitica geração, o Infante D. Henrique, aquele que de Portugal deu, para todo o mundo, o grito de partida na rota marítima. Foi devido aos seus esforços, e mais tarde aos de D. João II, que durante o reinado do rei D. Manuel II Portugal gosou uma época de extraordinário explendor.

Portugal não pretendeu só conquistar e descobrir, quiz mais, quiz colonisar e principalmente levar a Fé cristã, àqueles que tão necessitados estavam de confôrto moral, propagando assim a única e verdadeira religião.

Maria José Leal Gomes Álvares
Filiada n.º 509 — Centro n.º 1
Ala 2 — Extremadura

RESSURGIMENTO

Durante anos, Portugal dormiu um sono enorme, cansado de tanta glória; no decorrer dêste período, Portugal adormecido sonhava com uma mão vigorosa que viria sustê-lo no enorme precipício em que pouco a pouco ia caindo.

Portugal ia enfraquecendo e contraindo dívidas com os povos que outrora o haviam admirado. Mas eis que aquilo que Portugal sonhara se torna em realidade.

Eis que surge Salazar!

E então, a partir dêsse momento, aquele a quem tudo, que temos presentemente, devemos, começou uma tarefa espinhosa: o ressurgimento de Portugal.

A cada passo se levantava uma dificuldade, uma má vontade.

Mas como é precisamente quando encontramos mais dificuldades no nosso caminho que tiramos mais resultados do nosso trabalho, Portugal é hoje o que foi no passado: uma porção de terreno, enorme na sua pequenez, que todos respeitam e admiram e que tem prostrado a seus pés o magestoso Oceano, tal e qual um fiel servidor aos pés do seu soberano.

Maria José Álvares
Centro 1 — Ala 2

Amor da Pátria

É fertil a História de Portugal em nos proporcionar magníficos exemplos de amor pela Pátria. A dificuldade está na escolha, porque se pode ficar com a impressão de que o apontado é o maior. Não. Aquele que vou referir é, sem dúvida, um dos maiores, mas há outros, louvado seja Deus!, que não lhe são inferiores.

D. Filipa de Vilhena, que aconselhou e encorajou os filhos a entrarem na Revolução de 1640 e que na madrugada do célebre dia 1 de Dezembro ela própria lhe cingiu as armas, é um exemplo sublime de quanto pode o amor da Pátria.

D. Filipa sabia o tremendo risco que seus filhos iam correr; não ignorava a tremenda repressão que se seguiria à revolta, se esta abortasse. Contudo ela não hesitou em dar à sua Pátria, captiva de sessenta anos, os maiores bens que possuia: os filhos a carne da sua carne, o sangue do seu sangue, a alma da sua própria alma.

Foi digna descendente de Nuno Gonçalves, o imortal alcaide de Faria; foi lídima representante, na sua época, do coração da mulher portuguesa que sempre propulsou por esta terra bendita!

Maria de Lourdes Mascarenhas Neto
Filiada n.º 10.839
Centro n.º 1 *Ala 1*

Mil cento e quarenta! Que vemos nós?
Duma nuvem sangrenta que passou
Elevar-se um homem que batalhou,
Vir, orar, formar uma Pátria, a sós.

. . . .

Passam anos. E podeis dizer vós:
«Com a peleja, que o povo enlutou,
Depois de Fernando, é que terminou,
A Pátria que veio de antigos avós».

. . . .

Errais, porém, porque o destino atroz
Foi repelido p'la sentida voz
Que intimamente pedia a glória a Deus.

. . . .

E um Portugal, com maior esplendor
Ressurgiu, então, dum reino de amor
E avançou . . . abrindo outros mar's e céus.
Depois de tanta glória imortal
Eis que vai, num repentino trovão,
Subir o calvário; e a privação
Chegou, agora, ao pobre Portugal.

. . . .

Mas nunca perde a sua Fé, e afinal
Passados 60 anos de aflição
Ei-lo que surge da Restauração
E um português assume o poder real.

. . . .

Vêde-o depois seguir, na nossa História
Com poderosos herois que a memória
Jàmais esquecerá. E a grã saüdade,

. . . .

Que a Pátria ficou, dêsses que a gloriaram
Há-de acabar, porque já a fadaram
Novos portugueses, a Mocidade.
Mil novecentos e quarenta! A'lerta!
Que já oito séculos são passados
Da nossa História, cumprindo-se os fados
Duma escritura, por Afonso, aberta.

. . . .

Mas olhai que não deixam encoberta
A bandeira, aqueles que, agora, dados
Aos trabalhos grandes e esforçados
Da Pátria, a mantêm altiva e liberta!

. . . .

E será p'las mãos dêstes que hoje regem
Que todos continuarão, como devem,
A respeitar êste torrão natal.

. . . .

E, assim, quere a Mocidade ajudar
Os Chefes, para com êles tornar
Num jardim lindo, o nosso Portugal!

Maria Francisca Camacho Brito — Filiada n.º 263 — Centro 1 — Ala 2